

**A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA SOCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO
DO TERCEIRO SETOR NA MESORREGIÃO SERRANA CATARINENSE
COM ÊNFASE NA MICRORREGIÃO DE CURITIBANOS**

Débora Aparecida Almeida

Joseane Andrioni

Universidade do Contestado – UnC

Núcleo de Estudos em Ciências Humanas e Sociais - NECHS

deboraalmeida@cbs.unc.br

Resumo: O presente artigo destina-se a discutir o avanço do terceiro setor, através de um breve embasamento do seu marco-conceitual destinados a fornecer instrumentos de trabalho viáveis a alunos e pesquisadores. A pesquisa procura contribuir para reverter a situação de escassez de informações disponíveis, atendendo às peculiaridades do terceiro setor na região central do estado de Santa Catarina, cuja resolutividade exige, pesquisa de campo por isso mesmo, convida à análise crítica dos dados coletados, revelando uma nova perspectiva para as Organizações Não Governamentais. A inovação passou por um processo de transformação durante a última década incorporando novas conceituações, a idéia de inovação sustentável está atrelada a importância da tecnologia social no desenvolvimento de regiões economicamente desfavorecidas. As discrepâncias sociais passam a ser entendidas como uma nova oportunidade para o desenvolvimento regional. Questiona-se: Qual o perfil do terceiro setor de uma região economicamente desfavorecida? Como o terceiro setor pode contribuir para o desenvolvimento regional? A partir deste estudo descritivo é possível estabelecer o mapa do terceiro setor na região do município de Curitiba – SC. Através destas informações pode-se concluir a relevância do terceiro setor para o desenvolvimento humano regional, bem como, nessa perspectiva, o estudo tem por objetivo não apenas fornecer instrumentos didáticos, atendendo de imediato à crescente demanda gerada pelos cursos de ciências humanas e sociais aplicadas, mas também propiciar um laboratório para os estudantes e pesquisadores, permitindo que os resultados possam servir de subsídios para pesquisas posteriores.

Palavras-chave: Terceiro Setor, Desenvolvimento, Tecnologia Social.

1 INTRODUÇÃO

A mudança de paradigmas ocorrida no processo de transição da sociedade industrial para sociedade do conhecimento, aponta que a eficácia do novo ambiente exige conceitos e instrumentos inovadores, desta forma, a economia social derivada de um conceito francês, e a economia solidária proveniente de um conceito americano, transformaram a economia social em objeto da economia política, no intuito de valorizar a prestação de serviço como alternativa plausível de intervenção no paradigma do lucro pelo lucro.

A região de abrangência da Mesorregião Serrana especificamente a microrregião de Curitibanos detém alguns dos os menores índices de IDH¹ do Estado de Santa Catarina, é preciso discutir a implementação de novas alternativas que possam suprir as deficiências básicas de um contexto histórico, político, econômico e cultural depreciado ao longo do tempo.

Para Salm (2001) o sistema capitalista não trabalha com altruísmo, só trabalha com egoísmo, na verdade, precisa-se reconceituar o capitalismo através da agregação de novos valores, vale frisar que, a maior parte da população foi preparada para repetir o que o outro disse, ou seja, as pessoas são preparadas para dar respostas; não para pensar.

É muito importante considerar que a presença da Universidade do Contestado - UnC na região em estudo, é um marco para a construção de novos conhecimentos que possam desenvolver alternativas na solução dos problemas regionais e locais, partindo desta premissa, considera-se que os habitats de inovação podem ser enquadrados em várias subdivisões incluindo, Incubadoras de Base Tecnológica, Centro Empresarial de Inovação, Pólos, Pólos Tecnológicos de Modernização Tecnológica, Agropolos, Pólos de Desenvolvimento Integrado além das Tecnópoles, diante da caracterização da região em estudo é importante dimensionar a relevância da criação de uma Incubadora Social que pudesse contribuir para a melhor articulação do terceiro setor. Diante da problemática oriunda da falta de um mapeamento que caracterize a realidade do terceiro setor na região pretende-se através deste estudo apresentar propostas inovadoras para o desenvolvimento

¹ Índice de Desenvolvimento Humano. Curitibanos – 218º em Santa Catarina e 1330º no Brasil. Fonte : IBGE, 2000.

da tecnologia social como propulsora do desenvolvimento do terceiro setor na “Região de Curitibaanos”, através da valorização das potencialidades.



Número	Microrregiões	Número	Microrregiões
1.	São Miguel D'Oeste	11.	Rio do Sul
2.	Chapécó	12.	Blumenau
3.	Xanxerê	13.	Itajaí
4.	Joaçaba	14.	Ituporanga
5.	Concórdia	15.	Tijucas
6.	Canoinhas	16.	Florianópolis
7.	São Bento do Sul	17.	Tubarão
8.	Joinville	18.	Criciúma
9.	Curitibanos	19.	Araranguá
10.	Campos de Lages	20.	Tabuleiro

Fonte: IBGE (1990).

Figura 1 – Mapa das microrregiões de Santa Catarina²

² Esclareça-se para os fins aqui em vista que a regionalização adotada se baseia no critério estabelecido pelo IBGE (1990); no caso de Santa Catarina, o território é dividido em 20 microrregiões.

2. O SURGIMENTO DO TERCEIRO SETOR

Em 1776 Adam Smith lançava “ A Riqueza das Nações”, logo em seguida , na Inglaterra houve um movimento muito cruel, crianças trabalhavam 16 horas/dia e os adultos cerca de 20 horas/dia não havia lei que regulamentasse as relações entre capital e trabalho, foi neste contexto nebuloso no início do século XIX que Holmes lançou a idéia de Cooperativa como a primeira entidade do terceiro setor no mundo.

Já nos anos 70 em meio a uma constante incerteza, contribui substancialmente para a instabilidade e a imprevisibilidade que vivemos hoje. Nos anos 90 a crise recrudescceu, e fez surgir com força total o terceiro setor.

Primeiro Setor	Estado e Serviços Públicos
Segundo Setor	Mercado – Empresas Privadas
Terceiro Setor	Organizações sem fins Lucrativos

Quadro 1 – Definição de Setores

Fonte : Salm (2001)

Quando falamos de responsabilidade social das organizações, principalmente das empresas, estamos falando de apoio ao desenvolvimento comunitário, preservação do meio ambiente, provimento do bem-estar dos funcionários e dependentes. Neste contexto não há lógica no cálculo puro e simples, há que se respeitar outra lógica, a lógica do altruísmo e da cooperação, ou seja, a lógica do respeito ao ser humano.

A complexidade das organizações do terceiro setor refere-se as relações de cooperação e parceria, os gerentes do terceiro setor administram com poucos recursos e sabem lidar com gente. (SALM, 2001)

O século XXI é o século da economia negociada e da pactuação quadripartite entre os trabalhadores, os empresários, os poderes públicos, e a sociedade civil organizada. O crescimento segue o modelo de industrialização difusa e mantém um crescimento intensivo através da produtividade e extensivo através do emprego. (SACHS, 2001)

Desenvolvimento Rural	Plurifuncionalidade da Agricultura Familiar
Ecoeficiência	Desenvolvimento Sustentável
Autoconstrução Assistida	Questão Habitacional
Obras Públicas	Tecnologias Intensivas de Mão-de-Obra
Serviços Sociais	Novas Formas de Prestação de Serviços Sociais

Quadro 2 – Potencial de Crescimento Alavancado pelo Emprego

Fonte : Sachs, 2001.

Para Gaiger (2004, p. 11) vale salientar que

O conceito de empreendimento econômico solidário (EES) é uma espécie de conceito modelo , que reúne características ideais , assim consideradas pela bibliografia sobre autogestão e cooperação, ou assim apontadas como significativas e observáveis nas manifestações atuais de economia solidária; característica portanto, que revelariam os sentidos inovadores dessas experiências (...) As propriedades de um EES giram em torno de oito princípios , que se espera ver internalizados na prática de experiências associativas : autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, auto-sustentação, desenvolvimento humano, e responsabilidade social.

Neste sentido, Theis et al (2001) contribuem afirmando que , o conceito de desenvolvimento sugere, que a ele estejam associados certos propósitos. O desenvolvimento deve incluir a busca dos seguintes fins :

- ❖ Melhorar as condições materiais de vida não apenas mediante a elevação de rendas, provisão de mais empregos e melhor educação, mas também através de uma melhor atenção a valores culturais e humanísticos;

- ❖ Expandir o elenco de opções econômicas e sociais disponíveis aos indivíduos e a coletividades, de modo a permitir que se libertem da submissão não apenas aos outros indivíduos e a coletividade, mas também em relação às forças da ignorância e da miséria humana.

Vale salientar a importância das duas vertentes do empreendedorismo social, como segue abaixo.

Empreendedorismo Social Comunitário	Empreendedorismo voltado para as Organizações Sociais
1. o foco é a comunidade	1. o foco é nas organizações sociais
2. seu objetivo é fortalecer a cidadania , a organização e a integração comunitária	2. seu objetivo é melhorar o desempenho da organizações sociais atuantes na comunidade
3. empreender a comunidade como um todo	3. empreender a organização social
4. predomínio de ações institucionais	4. predomínio de ações gerenciais
5. âmbito de atuação mais amplo	5. âmbito de atuação mais restrito
6. gerenciamento da comunidade.	6. gerenciamento de uma organização que presta serviços à comunidade.

Quadro 3 – Vertentes do Empreendedorismo Social

Fonte : Melo Neto e Fróes (2002, p. 133)

Para Dowbor (2001, p. 29) “o conceito microeconômico de produtividade só consegue provar a sua superioridade ao isolar o impacto lucro de uma unidade produtiva, do conjunto das externalidades, do impacto social gerado”. As questões sociais podem enfim serem consideradas como poderoso processo de articulação social, conforme Dowbor (2001, p. 35, grifo do autor)

Um caminho renovado vem sendo construído por meio de parcerias que envolvem o setor estatal, as organizações não-governamentais e as empresas privadas. Surgem com força conceitos como responsabilidade social e ambiental do setor privado. O chamado *terceiro setor* conta com uma alternativa de organização que pode, ao se articular com o Estado assegurar a participação cidadã, e trazer respostas inovadoras.

“A presente crise da sociedade salarial está impulsionando novamente o cooperativismo (...). Essas cooperativas autogestionárias, ideologicamente orientadas , se proclamam como integrantes do novo cooperativismo. . .” (SOUZA, 2003, p 37)

As novas iniciativas provenientes da economia solidária estão atreladas as iniciativas de voluntariado disperso em periferias, o que caracteriza ações filantrópicas e beneficentes principalmente de cunho religioso, isso é comum justamente em municípios de pequeno e médio porte.

2. A IMPORTÂNCIA DO TERCEIRO SETOR

Este setor consiste em organizações cujos objetivos principais são sociais, e não econômicos. A essência do setor engloba instituições de caridade, organizações religiosas entidades voltadas para as artes, organizações comunitárias, sindicatos, associações profissionais, e outras organizações voluntárias.

O termo “terceiro setor” diferencia essas organizações do “setor privado” e do “setor público”. O traço comum que une todas essas organizações é que são orientadas por valores: é criadas e mantidas por pessoas que acreditam que mudanças são necessárias e que desejam, elas mesmas, tomar providências nesse sentido. Essas organizações têm duas características principais. Ao contrário de organizações do setor privado, não distribuem lucros a seus proprietários e, diferente das organizações do setor público, não estão sujeitas ao controle político direto. Essas organizações têm independência para determinar seu próprio futuro.

Seguindo a tendência, há um número crescente de entidades semi-independentes do setor público. A esse respeito, Szazi (2005, p. 165) afirma que em largas passadas, o conceito de Terceiro Setor origina-se do desenvolvimento de organizações privadas com adjetivos públicos, portanto agregando características do Primeiro Setor (Estado), administração pública e do Segundo Setor (mercado), mas se afastando da burocracia estatal e das ambições do mercado. Isso permite ao estado acaba por ter suas ações substituídas pelas atividades desenvolvidas por entidades do Terceiro Setor. Como exemplo: associações por moradia, colégios, escolas mantidas *por doações e organizações semi-governamentais. Existe também um grupo de organizações como escolas independentes, associações de amigos e sociedades de provimento, que seguem a mesma tendência e se sobrepõem ao setor privado. Essas organizações também são orientadas por valores e podem utilizar práticas administrativas oriundas do terceiro setor.*³

³ DRUKER, Peter F. **Terceiro setor**: Ferramenta de Auto-Avaliação para empresas. São Paulo: Futura, 2001. p. 20.

Até, recentemente, não se acreditava que essa gama diversificada de organizações tivesse muita coisa em comum. Todas eram vistas como elos separados da vida social, cada qual com seu histórico e papel particulares na sociedade. Essas organizações são vistas cada vez mais, como parte do mesmo setor porque compartilham uma herança e um conjunto comum de crenças sobre como melhorar o mundo em que vivemos.

Estão se unindo, porque reconhecem que tem mais coisas em comum umas com as outras do que com organizações dos setores público ou privado. O processo começou nos Estados Unidos há cerca de vinte anos. Na América o setor é muito maior porque muitos hospitais, escolas e universidades sempre foram organizações independentes sem fins lucrativos.

O terceiro setor é influente. Grande parte das mudanças e inovações sociais importantes foram obtidas com a criação de organizações do terceiro setor. Serviços hospitalares, educação, serviços para grupos menos favorecidos e deficientes, pesquisa científica de doenças, desenvolvimentos espirituais, fundos de beneficência para empregados na indústria, serviços de bem-estar social, ajuda internacional e, mais recentemente, proteção do meio ambiente e campanhas pelos direitos da mulher. – todas essas atividades emergiram de organizações do terceiro *setor*.

O número e o tamanho das organizações estão em ascensão;

A contribuição do setor está na sua capacidade de representar o ponto de vista das pessoas, inovar e proporcionar um sentido de cidadania. A esse respeito, Szazi (2005, p. 165) afirma que:

Conceito que tem se desenvolvido fisicamente no cenário nacional, sobretudo em tempos de reforma do Estado, diz respeito ao chamado Terceiro Setor. Alias o Terceiro Setor já é realidade visível em nossa sociedade, atuando como importante ator que, entretanto, ainda carece do devido reconhecimento – sobretudo legislativo.

A diferença principal entre o terceiro setor e os outros, é que nele existe uma tênue ligação entre os provedores de fundos e os usuários; Os outros sete fatores que o distingue são os seguintes:

- É fácil ter objetivos vagos;
- O desempenho é difícil de ser monitorado;
- As organizações são responsáveis perante muitos patrocinadores;
- As estruturas administrativas são complexas;

- O voluntariado é ingrediente essencial;
- Os valores precisam ser cultivados;

⁴ Com esta pesquisa levantou-se o perfil do Terceiro Setor no Brasil, em pessoal ocupado por área de atuação:

Tabela 1 - Terceiro setor no Brasil - por área de atuação

Área de Atuação	Número de Pessoas	%
Educação e Pesquisa	381.098	34,0
Saúde	184.040	16,4
Cultura	175.540	15,7
Assistência Social	169.663	15,20
Associações Profissionais	92.203	8,9
Religião	93.769	8,4
Defase dos Direitos	13.721	1,2
Meio Ambiente	2.499	0,2

Fonte : Covas (2005)

O conselho da Comunidade Solidária informa que o Terceiro Setor no Brasil conta com aproximadamente 250.000 entidades, empregando 1,5 milhões de pessoas e 12 milhões de voluntários que se enquadram em conservação do meio ambiente e promoção do voluntariado, dentre outras. Dessa maneira, admitindo a existência de entidades de direito privado com objetivo público, foram excluídas da composição do terceiro setor para efeitos legais, as instituições estatais, as organizações de mercado, as cooperativas, as organizações sindicais, as entidades representativas de profissão ou partido político, os fundos de previdência e de pensão e as instituições vinculadas *a igrejas ou praticas devocionais, com exceção daquelas que visam apenas bem comuns.*

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia da execução desta pesquisa é descritiva, com o intuito de apresentar o levantamento do terceiro setor na microrregião de Curitiba⁵ –SC, a pesquisa foi

⁴ COVAS, Mario. **Programas e ações do terceiro setor**. Disponível em: < <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/> > Acesso em: 25/05/2005.

viabilizada através do estágio supervisionado de administração no ano de 2006. O estudo partiu de um levantamento censitário de 99 entidades cadastradas, que depois de concluído apresentou a seguinte amostragem:

Caracterização da População	Amostragem %
16 entidades não existentes	16,16%
2 entidades que não enquadradas	2,02%
4 entidades que não responderam	4,04 %
5 entidades não encontradas	5,05%
24 entidades responderam e entregaram o histórico e/ou estatuto	24,24%
19 entidades só responderam o questionário	19,19%
29 entidades não devolveram o questionário	29,29%
TOTAL	100

Quadro 4 – Caracterização da Amostra

Houve uma grande dificuldade de deslocamento devido a distância e dificuldade de localização das entidades, além disso tornou-se claro o grande problema oriundo da falta de informação e dificuldades de entendimento por parte da maioria de respondentes , apesar da aplicação de um questionário fechado, muitas entidades entraram em contato com.

É fato notório que grande parte destas instituições carecem de treinamento técnico e acompanhamento profissional para realização adequada de suas atividades, muitas não avançam pela falta de conhecimento, pois quanto a dedicação e a força de vontade não há o que se discutir.

Apesar de todas as dificuldades encontradas se obteve uma amostra relevante totalizando 43,43% de questionários devidamente respondidos. Com base no resultado estatístico é possível analisar adequadamente a realidade do terceiro setor na região de

⁵ A **microrregião de Curitibanos** é uma das microrregiões do estado Santa Catarina pertencente à mesorregião Serrana. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 125.048 habitantes e está dividida em doze municípios. Possui uma área total de 6.505,934 km.

Curitiba, conforme será demonstrado na análise de resultados. A pesquisa bibliográfica conceitual converge as informações concernentes ao modelo apresentado abaixo :



Figura 2 - Diamante

Fonte : Dagnino (2004)

No diamante convergem, para o vértice superior, os três demandantes do Sistema – órgãos de governo, setor produtivo e sociedade – e para o vértice inferior, as suas três finalidades – utilização do poder de compra do estado, melhoria da máquina do estado e indução de inovações coerentes com o desenvolvimento social e ambientalmente sustentável. Os tipos de inovação com os quais trabalha o Sistema – hardware, software, orgware - são mostrados na seção triangular média do diamante. Finalmente, uma outra forma (bidimensional) de expressar as características do Sistema, que terá como idéia-chave ou como "elemento de liga" a inovação social, é a de uma matriz como a representada abaixo. (DAGNINO, 2004, p. 15)

Conforme a Fundação Banco do Brasil (2005, p. 1), “Tecnologia Social compreende produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social. É um conceito que remete para uma proposta inovadora de desenvolvimento, considerando a participação coletiva no processo de organização, desenvolvimento e implementação”. Dagnino, Brandão e Novaes (2004, p. 15, grifo dos autores) afirmam que

A Índia ao final do século XIX é reconhecida como berço do que veio a se chamar no ocidente de Tecnologia Apropriada[TA]. Gandhi dedicou-se a construir programas, visando à popularização da fiação manual realizada em uma roca de fiar como primeiro equipamento tecnologicamente apropriado, a Charkha, como forma de lutar contra a injustiça social e sistema de castas que se perpetuava na Índia. Isso despertou a consciência política de milhões de habitantes das vilas daquele país sobre a necessidade de autodeterminação do povo e da renovação da indústria nativa hindu, o que pode ser *avaliado pela significativa frase por ele cunhada : Produção pelas massas, não produção em massa.*

As idéias de Gandhi foram aplicadas na China e mais tarde influenciaram o economista alemão Schumacher que cunhou a expressão “tecnologia intermediária”.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

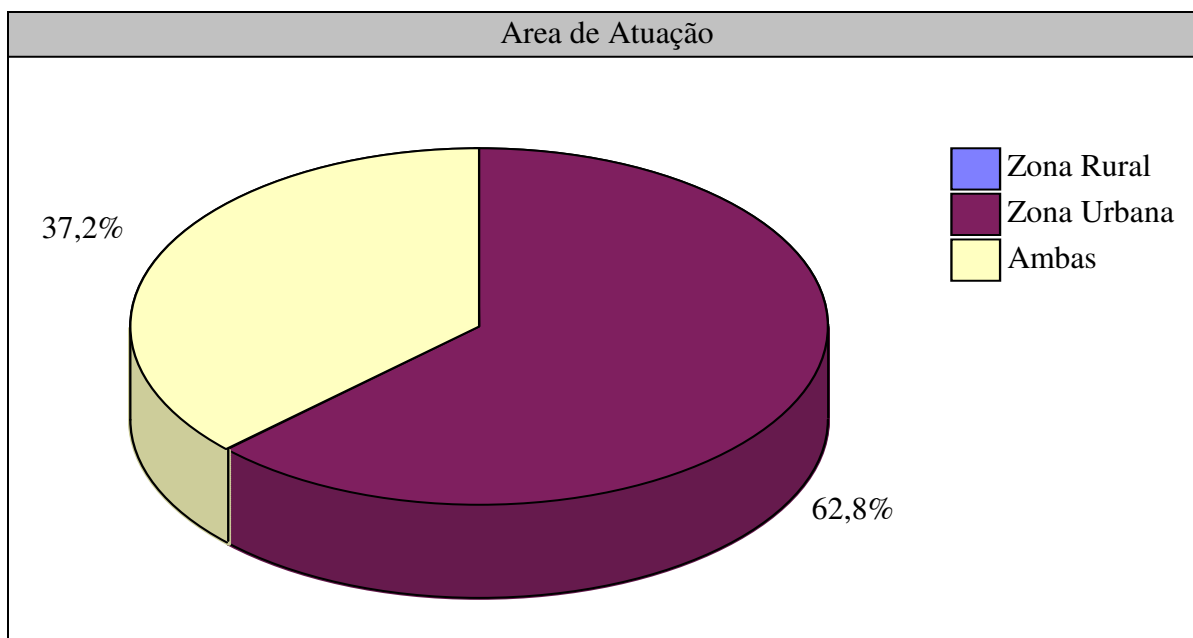


Figura 3 – Área de Atuação do Terceiro Setor

Tabela 2 – Area de Atuação da Entidade

Entidade atua	Qt. cit.	Intervalos de confiança
Assistência e promoção social	24	41,0% < 55,8 < 70,7%
Associações profissionais, de classes e sindicatos	3	0,0% < 7,0 < 14,6%
Atividades Internacionais	2	0,0% < 4,7 < 10,9%
Cultura e Recreação	26	45,9% < 60,5 < 75,1%
Desenvolvimento Comunitário, social e economico/moradia	10	10,6% < 23,3 < 35,9%
Educação e pesquisa	21	33,9% < 48,8 < 63,8%
Intermediárias Filantrópicas e de promoções de ações voluntárias	10	10,6% < 23,3 < 35,9%
Meio Ambiente	17	24,9% < 39,5 < 54,1%
Religião	10	10,6% < 23,3 < 35,9%
Saúde	19	29,3% < 44,2 < 59,0%
Serviços Legais, defesa de direitos civis e organizações políticas	4	0,6% < 9,3 < 18,0%
Não Informada	3	0,0% < 7,0 < 14,6%
Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente	1	0,0% < 2,3 < 6,8%
TOTAL OBS.	43	

Mais da metade das entidades atua na zona urbana, considerando que a maior parte dos municípios da região possui características do meio rural, sendo assim, pode-se dizer que atuam nas duas áreas concomitantemente. Nenhuma entidade possui mais de 60 funcionários, considerando que a maioria possui até 20 colaboradores

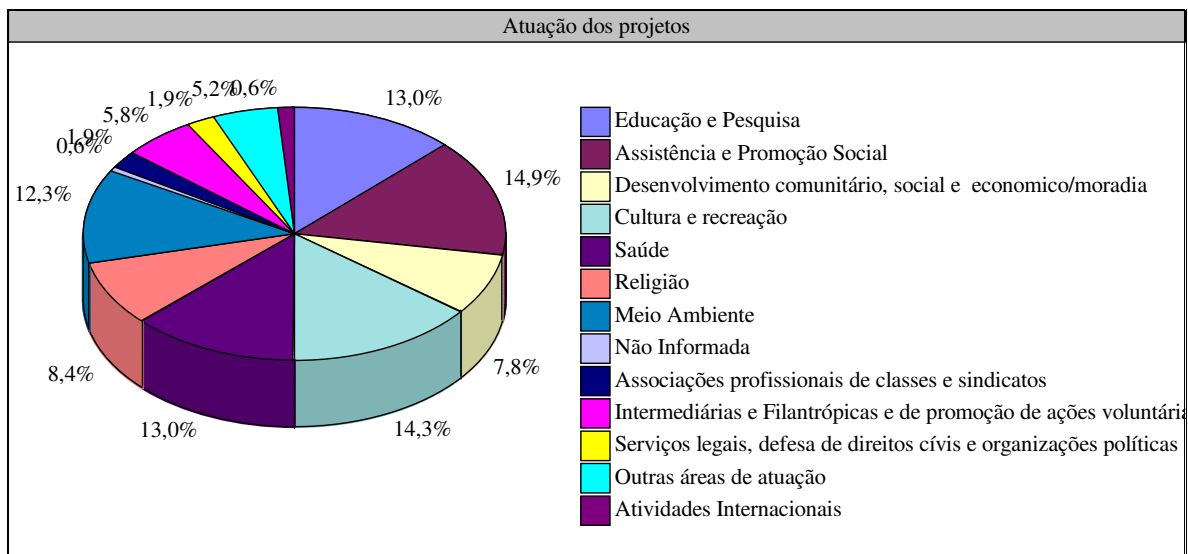


Figura 4 – Atuação dos Projetos

Tabela 3 – Demonstrativo da Atuação dos projetos

Atuação dos projetos	Qt. cit.	Intervalos de confiança
Educação e Pesquisa	20	31,6% < 46,5 < 61,4%
Assistência e Promoção Social	23	38,6% < 53,5 < 68,4%
Desenvolvimento comunitário, social e economico/moradia	12	14,5% < 27,9 < 41,3%
Cultura e recreação	22	36,2% < 51,2 < 66,1%
Saúde	20	31,6% < 46,5 < 61,4%
Religião	13	16,5% < 30,2 < 44,0%
Meio Ambiente	19	29,3% < 44,2 < 59,0%
Não Informada	1	0,0% < 2,3 < 6,8%
Associações profissionais de classes e sindicatos	3	0,0% < 7,0 < 14,6%
Intermediárias e Filantrópicas e de promoção de ações voluntárias	9	8,8% < 20,9 < 33,1%
Serviços legais, defesa de direitos cívics e organizações políticas	3	0,0% < 7,0 < 14,6%
Outras áreas de atuação	8	7,0% < 18,6 < 30,2%
Atividades Internacionais	1	0,0% < 2,3 < 6,8%
TOTAL OBS.	43	

Tabela 4 – Comparativo entre Atuação das Entidades e Projetos

Atuação da Entidade	%	Atuação dos Projetos	%	Intervalo
Assistência e Promoção Social	16	Assistência e Promoção Social	14,9	1,1
Cultura e Recreação	17,3	Cultura e Recreação	14,3	3,0
Saúde	12,7	Saúde	13	0,3
Meio Ambiente	11,3	Meio Ambiente	12,3	1,0
Educação e Pesquisa	14	Educação e Pesquisa	13	1,0

É possível identificar que a assistência e promoção social, cultura e recreação, e a área de saúde convergem como áreas de atuação tanto das entidades quanto de projetos em andamento, isso revela a carência da área social na região visto que comparado ao país a assistência social vem em quarto lugar. [ver tabela 1].

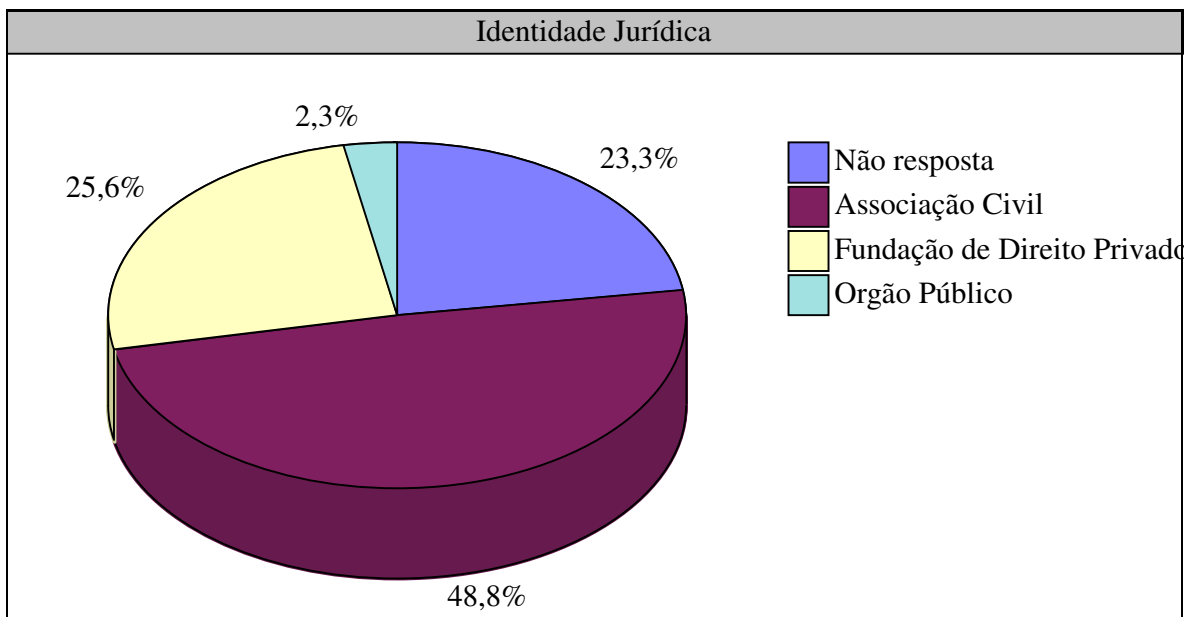


Figura 5 – Identidade Jurídica

Praticamente metade das entidades caracteriza-se por associação civil seguido de Fundação de Direito Privado, vale salientar que 23,3 % não responderam isso é preocupante, pois é notório que uma grande parte dessas entidades não sabe nem mesmo sobre sua identidade jurídica.

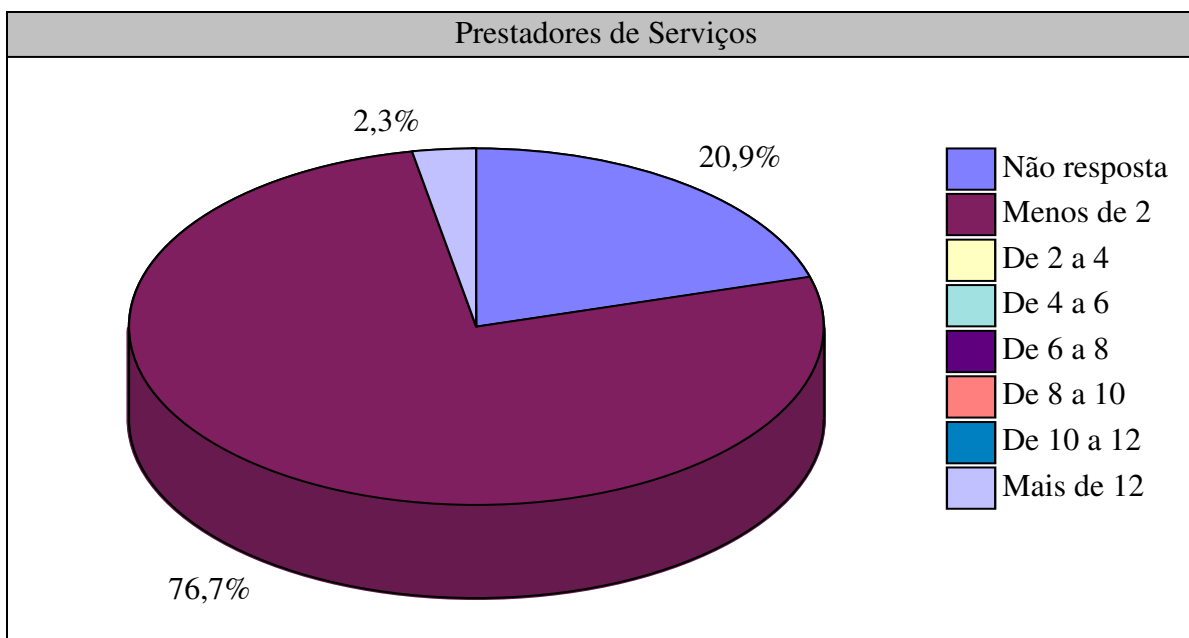


Figura 6 – Relação Empregatícia em quantidade de pessoal (prestação de serviços)

As associações civis e as entidades de direito privado somam 72,1 % do terceiro setor regional, salientando-se que 23,3% das entidades não informam qual a sua identidade jurídica, talvez por desconhecimento ou falta de informação. 76,7 % do vínculo empregatício, é de até 2 colaboradores, esse fator é justificado quando verifica-se que a maior parte dos serviços comunitários é realizada por voluntários.

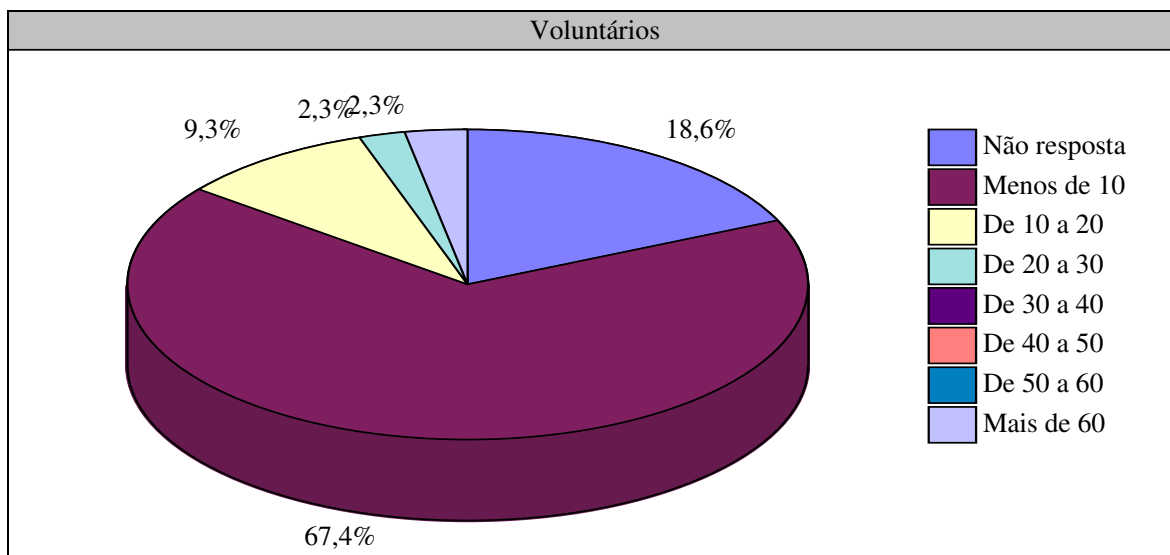


Figura 7 – Voluntários

Note-se que 67,4% das entidades possui menos de 10 voluntários, número pouco representativo, diante do trabalho desenvolvido na comunidade regional.

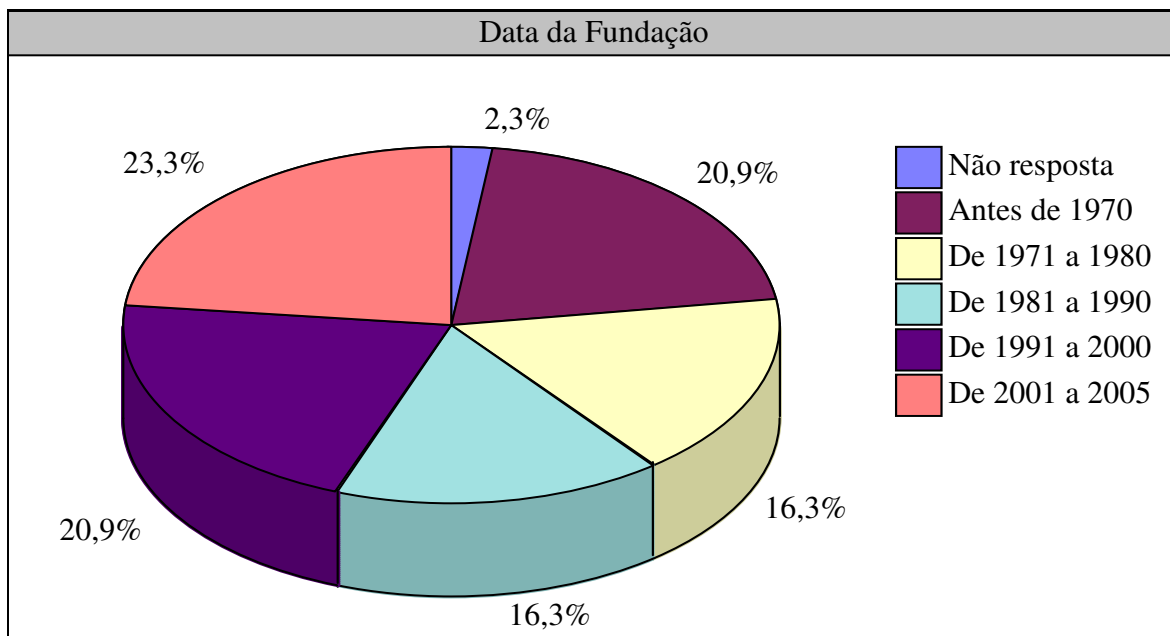


Figura 8 – Data da Fundação da Entidade

Quase 70% das instituições possui trabalho voluntário, é importante frisar que da década de 70 até a década de 90 foram fundadas 32,6 % das instituições do terceiro setor, 43,2 % das entidades surgiram após os anos 90, portanto é um trabalho recente.

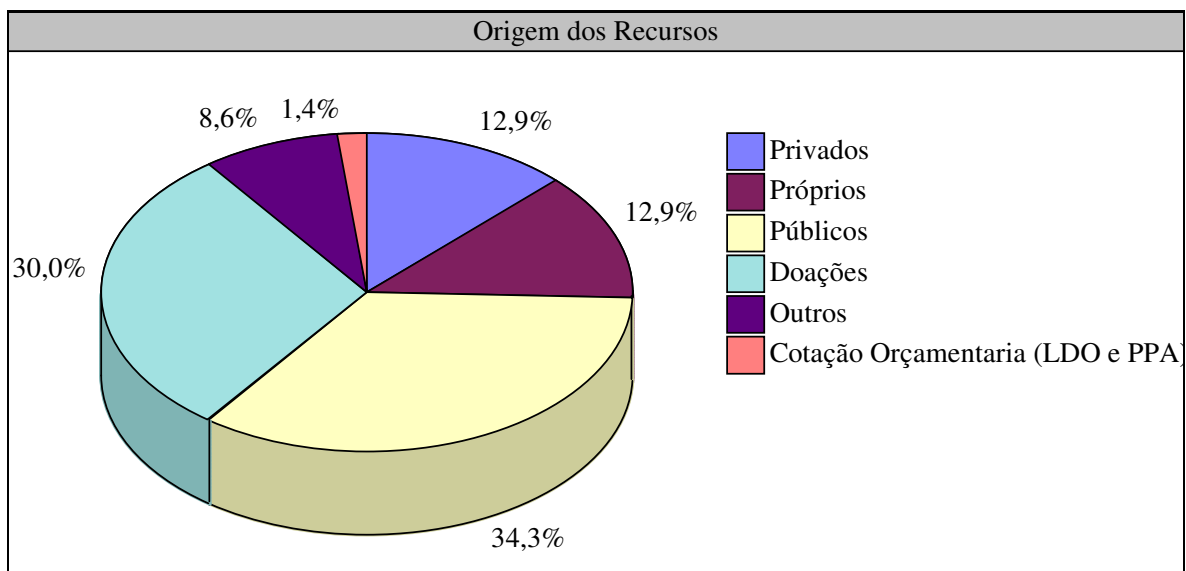


Figura 9 – Origem dos Recursos

A participação da comunidade através das doações é surpreendente, equiparando-se praticamente com os recursos públicos. Existe uma forte mobilização social favorecendo o

trabalho das ONG's, este é um fator importante e representativo para uma região pobre e carente de ações sociais.

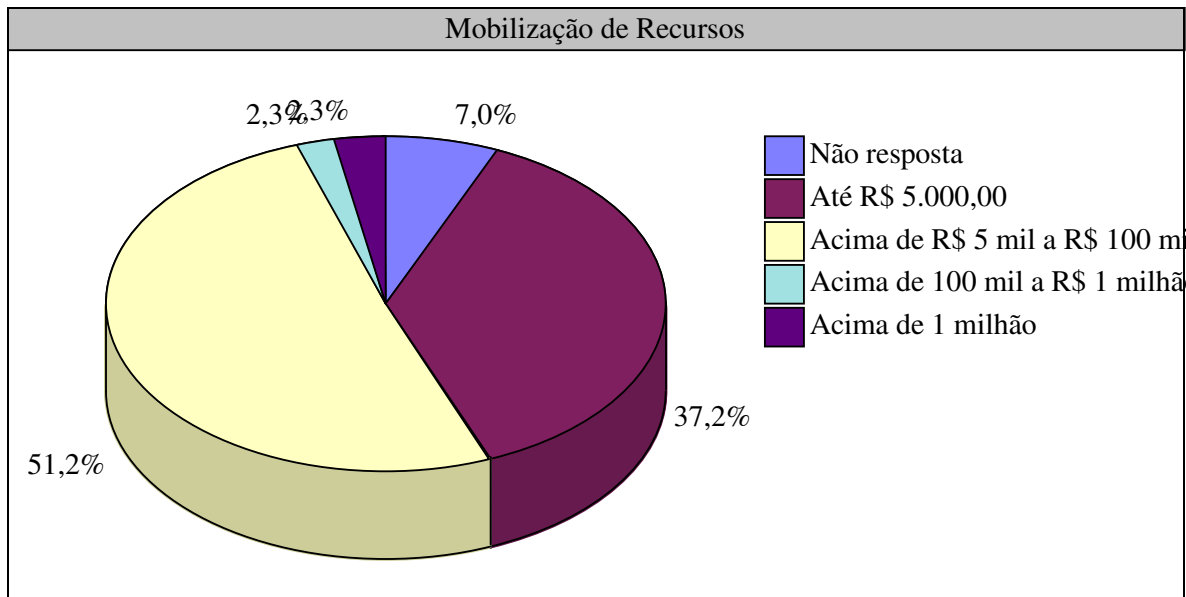


Figura 10 – Mobilização dos Recursos

As instituições são mantidas através de recursos públicos e doações, praticamente metade das instituições recebe recursos acima de R\$ 5.000,00 podendo chegar ao limite de até R\$ 100.000,00. É importante esclarecer que a grande maioria das entidades se mantém com recursos ínfimos e tendenciosamente sobrevivem com o mínimo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo foi possível desbravar novas perspectivas para o terceiro setor curitibanense. Primeiramente as questões históricas e documentais das entidades demonstraram o vínculo direto a mero formalismo burocrático, visto que 24,24% das entidades apresentaram seus estatutos e outros documentos semelhantes, desta forma, tornou-se imperioso relacionar o histórico das entidades.

Na seqüência do estado investigativo pode-se perceber a vocação local das entidades para o desenvolvimento de projetos e a atuação principal com ênfase na assistência e promoção social, cultura e recreação, saúde e meio ambiente, e por fim educação e

pesquisa. Após a caracterização das atividades é possível afirmar que os pontos de maior relevância das entidades estão atrelados as áreas mais carentes em termos de ação social, afirmação esta que pode ser tranquilamente justificada pelo índice do IDH⁶ do município.

Cabe salientar que diante deste perfil detectou-se uma grande precariedade quanto a gestão das entidades, pois grande parte destas instituições pode contar apenas com técnicos voluntários, ou seja, pela falta de pessoas qualificadas para o efetivo desenvolvimento de projetos que possam fomentar o desenvolvimento integrado das ações práticas organizacionais.

A idéia é fazer germinar ações que levem a resolução desses problemas de desarticulação das atividades do terceiro setor na região em estudo. Face aos resultados da pesquisa é importante salientar a responsabilidade da Universidade local em provocar a articulação desses fatores a fim de gestionar as parcerias necessárias para construção de um novo cenário.

A proximidade entre empresas/indústrias e os parques tecnológicos possui um elevado grau de interação, fortalecendo as relações universidade & empresa e também proporcionando uma vantagem competitiva. A identificação de policymakers, barreiras sistêmicas e desenvolvimento empresarial em instituições de ensino é de fundamental importância para a articulação de parcerias. De fato as implicações que a política traz para a tecnologia é fundamental para análise aprofundada dos empreendimentos acadêmicos. Os estudos mais recentes apontam para o fato de que a heterogeneidade do ambiente requer recursos e habilidades mais sofisticadas. (WRIGHT ; BIRLEY; MOSEY, 2004).

Estas atividades visam reforçar habilidades e desenvolver competências novas, conseqüentemente a cooperação bilateral e os relacionamentos multilaterais do networking são possíveis entre instituições de pesquisa e indústrias, salientando-se que a universidade possui um papel fundamental na construção de relacionamentos fortuitos com o terceiro setor, pois dependendo da natureza do conhecimento, a proximidade espacial e cultural representa a pré-condição mais ou menos importante para o processo da troca entre o produtor do conhecimento e o usuário do conhecimento. (KOSCHATZKY, 2002).

⁶ Índice de Desenvolvimento Humano. Curitiba – 218º em Santa Catarina e 1330º no Brasil. Fonte : IBGE, 2000.

A tecnologia social está fundamentada na disseminação de soluções para problemas voltados a demandas de alimentação, educação, energia, habitação, renda, recursos hídricos, saúde, meio ambiente, dentre outras. As tecnologias sociais podem aliar saber popular, organização social e conhecimento técnico-científico. Importa essencialmente que sejam efetivas e reaplicáveis, propiciando desenvolvimento social em escala. São exemplos de tecnologia social: o clássico soro caseiro (mistura de água, açúcar e sal que combate à desidratação e reduz a mortalidade infantil); dentre muitas outras soluções baratas e perfeitamente aplicáveis.

Não é possível que as ações do terceiro setor sejam consideradas como meros paternalismos ou então mecenato genuíno, há que se buscar alternativas empreendedoras e inovadoras possibilitando o uso formal e a disseminação de ações sociais de cunho tecnológico. Para finalizar, resta a recomendação da elaboração de um projeto de Social com ênfase na Gestão Empreendedora que possa auxiliar e suprir as deficiências e necessidades de um setor crescente e de suma importância para o desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

BANCO DO BRASIL. Fundação Banco do Brasil. Tecnologia Social. 2005. Disponível em < <http://www.tecnologiasocial.org.br/> > Acesso em : 07.nov.2005.

COVAS, Mario. **Programas e ações do terceiro setor**. Disponível em: < <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/> > Acesso em: 25/05/2005.

DRUKER, Peter F. **Terceiro setor: Ferramenta de Auto-Avaliação para empresas**. São Paulo: Futura, 2001. p. 20.

DAGNINO, Renato. **C&T a nível local: una propuesta de izquierda**. *Espacios*, sep. - dic. 2004, vol.25, n..3, p.57-68. ISSN 0798-1015.

DAGNINO, Renato; BRANDÃO, Flávio Cruvinel; NOVAES, Henrique Tahan. Sobre o marco-analítico conceitual da tecnologia social. In: LASSANCE JÚNIOR, Antônio E. **Tecnologia social : uma estratégia para o desenvolvimento**. Fundação Banco do Brasil : Rio de Janeiro, 2004.

DOWBOR, L. Gestão social e transformação da sociedade. In : DOWBOR, L; KILSZTAJN,S. (Org.). **Economia social no Brasil** . São Paulo : SENAC, 2001.

DOWBOR, L; KILSZTAJN,S. (Org.). **Economia social no Brasil** . São Paulo : SENAC, 2001.

GAIGER, L. I. **Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil**. Porto Alegre : UFRGS, 2004.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Relatórios**. 2000. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/default.shtm>> Acesso em : 07.out.2005.

IBGE. . INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Divisão regional do Brasil em meso e microrregiões**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1990.

KOSCHATZKY, K. Networking and Knowledge transfer between Research and Industry in Transition Countries : Empirical Evidence from the Slovenian Innovation System. **Journal of Technology Transfer**, 278, 27-38, 2002.

MELO NETO, F. P. ; FROES, C. **Empreendedorismo social** : a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro : Qualitymark, 2002.

SALM, J. F. Cooperação e co-produção público-privado : o papel do terceiro setor. In : SIEBERT, C. (Org.) **Desenvolvimento Regional em Santa Catarina**. Blumenau : Edifurb, 2001.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Mapa Interativo. 2004 Disponível em <<http://www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/geografia/paginas/mapas.htm>> Acesso em : 07. out.2005.

SOUZA, A. R. Economia solidária: um movimento nascente da crise do trabalho. In: SOUZA, A.R; CUNHA, G. C; DAKUZAKU, R. Y. (Orgs.). **Uma outra economia é possível**: Paul Singer e a economia solidária. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, A. R; CUNHA, G. C; DAKUZAKU, R. Y. (Orgs.). **Uma outra economia é possível**: Paul Singer e a economia solidária. São Paulo: Contexto, 2003.

SPOLIDORO, R. A teoria da Transição de paradigmas. In : SIEBERT, C. (Org.) **Desenvolvimento Regional em Santa Catarina**. Blumenau : Edifurb, 2001.

SZAZI, Eduardo. **Terceiro setor**: Temas polêmicos 2. São Paulo: Peirópolis, 2005. 240 p.

THEIS, I. M. Globalização e planejamento do desenvolvimento regional : o caso do Vale do Itajaí. In : SIEBERT, C. (Org.) **Desenvolvimento Regional em Santa Catarina**. Blumenau : Edifurb, 2001.

WRIGHT, M.; BIRLEY, S. MOSEY, S. Entrepreneurship and University Technology Transfer. **Journal of Technology Transfer**, 29, 235-246, 2004.